

João Machado, presidente da CAP, lamenta

Fileira vitivinícola tem acesso limitado aos apoios

Com a estagnação económica, a fileira vitivinícola atravessa um período de dificuldades. Mas o sector também tem sido afectado pela não disponibilização aos agricultores dos programas de apoio e por uma política de prazos reduzidos na apresentação de candidaturas. João Machado, presidente da Confederação dos Agricultores de Portugal (CAP), apela a um maior investimento nos mercados externos.

Vida Económica – A crise também chegou ao sector dos vinhos?

João Machado – Toda a fileira vitivinícola tem sido afectada pela crise económica. Por outro lado, os instrumentos financeiros de apoio ao investimento na actividade agrícola previstos no Programa de Desenvolvimento Rural para o Continente (PRODER) não estiveram à disposição dos agricultores. Assistiu-se à total incapacidade e falta de vontade do anterior ministro da Agricultura em operacionalizar o programa, o que conduziu à assinatura de um número reduzido de contratos, sendo praticamente nulo o apoio reduzido.

VE – E o que se passa no âmbito da Organização Comum do

Mercado Vitivinícola (OCM)?

JM - Existem cinco medidas no âmbito do programa nacional para o sector. A reestruturação e a reconversão constituem – e bem – uma das medidas prioritárias, sendo fundamental para a renovação das superfícies vitícolas e permitindo adaptá-las à evolução do mercado, de forma a melhorar a competitividade. A adesão dos viticultores tem sido muito grande e, em 2009, as intenções de reestruturação ultrapassaram largamente o orçamentado. Lamenta-se, porém, que no primeiro ano de candidaturas questões de deficiente operacionalização e coordenação, sobretudo ao nível regional, não tenham permitido a atribuição do apoio até ao dia 15 de Outubro de 2009 a todos os projectos executados. O que

fez com que se perdessem 4,4 milhões de euros de verbas comunitárias disponíveis durante o primeiro ano de vigência do programa.

Desperdício de fundos

VE – Que problemas há que resolver neste momento?

JM – O país não tem sabido aproveitar os fundos comunitários que foram colocados à disposição para reestruturar o sector. Continuamos a ter uma estrutura fundiária atomizada, envelhecida, com áreas de vinha desajustadas em relação às necessidades do mercado e com uma grande profusão de marcas de pequena dimensão. Ao nível comunitário, durante três campanhas (2008/2009 a 2010/2011) tem



“O anterior ministro da Agricultura revelou incapacidade e falta de vontade para operacionalizar o PRODER”, critica João Machado.

existido uma medida de apoio ao arranque de vinhas, com um envelope financeiro não subdividido por Estado-membro, solução que tem sido prejudicial ao nosso país. O regime de apoio ao arranque de vinhas tem como objectivo o estímulo a que os produtores com vinhas menos competitivas abandonem a actividade, sendo-lhes atribuído um apoio por hectare arrancado, em função do histórico de produtividade.

VE – E Portugal tem tirado proveito da medida em causa?

JM – Nas duas campanhas que já decorreram, a taxa de aceitação das candidaturas nacionais tem

sido fortemente influenciada pelo elevado número de candidaturas apresentadas por outros países, em especial por Espanha. O país tem sido prejudicado por uma política que impõe prazos reduzidos de apresentação de candidaturas, contribuindo para penalizar a competitividade dos produtores portugueses no plano europeu. Decorridos dois anos deste regime, Espanha já beneficiou de um envelope financeiro de 385 milhões de euros, correspondente a 75 mil hectares arrancados. Em Portugal, o balanço é de 21 milhões de euros e uma área de 3640 hectares, apesar da área proposta ter sido mais do dobro.

PUB

Body Balance

Body Pump

Body Combat

ONE LIFE. LIVE IT WELL.

www.holmesplace.pt

SE TE ESQUECERES DE MIM, FÁCIL SERÁ LER O MEU FUTURO

→ OUVES O TEU CORPO